

Echos, Echoes, Ecos, Echi

nº 10

O BILHETE

Encontramo-nos, parte somente do nosso CIG, na ocasião das jornadas europeias dos 21 e 22 de janeiro de 2017 em Barcelona, cujo tema “O Saber do Psicanalista e seu Saber-Fazer” foi empolgante. Reunião informal, mas que delineou certas linhas de nossas futuras reuniões e outras questões que tínhamos para tratar. O tema dessas jornadas barcelonenses foi tratado em parte no *Wunsch* nº 16 e será continuado com algumas intervenções no *Wunsch* nº 17.

A primeira reunião de todo o CIG ocorreu em Paris, na Escola, rue d’Assas, aos 4 e 5 de março de 2017.

Essa reunião dos 16 membros do CIG representa uma verdadeira torre de Babel de línguas e o mais surpreendente é de conseguir se entender. O fato de estarmos todos juntos demoradamente promove novos laços e um clima de trabalho repleto de espírito e bom humor. Eu fui sensível a essas reuniões de dois dias, cansativas, de fato, digamo-lo, mas ricas em trocas e discussões que não impedem a tomada de decisão. E me parece que essa decisão do CIG anterior em se reunir longamente, reiterada no decorrer do ano, é muito positiva. Alguns puderam comparar favoravelmente com o que eles conheceram em CIG anteriores: esse prazo permite um trabalho de elaboração e de trocas ao vivo.

Alguns nos fornecem um verdadeiro trabalho de tradutores e lhes agradecemos, porque sem isso não teríamos um CIG e uma Escola internacionais.

Anne LOPEZ

NOSSAS DECISÕES

Tivemos de tomar várias decisões. Com efeito, era preciso saber quais decisões tomadas pelo CIG 2014-2016 iríamos guardar ou rejeitar.

1 – Regulamento interno

Por e-mail, havíamos decidido prorrogar o regulamento interno do CIG anterior no aguardo de que o uso do próprio funcionamento do nosso CIG nos traga, ou não, elementos para modificá-lo. Você o encontrará no final desse número 10.

2 – Dois cartéis diferentes

Já havíamos decidido, antes dessa primeira reunião, por e-mail, de manter as duas formas de cartel: o cartel de passe e o cartel do CIG.

1) O cartel de passe é aquele que é formado para se adaptar o mais justo possível às contingências da língua, evitando as incompatibilidades: presença do analista do passante, ou seu controlador, ou laço muito próximo. Evidentemente, buscamos fazer com que cada passante possa ser ouvido na própria língua, o que pôde ser feito e, excepcionalmente, recorreremos a uma AE recém nomeada como tradutora. Não é demais repeti-lo, os dispositivos de Escola devem pensar, quando sorteiam os passadores, que a lista de passadores seja construída em função das possibilidades de correspondência de línguas, ou seja, não necessariamente todos os passadores no chapéu (se houver chapéu!), mas também evitando incompatibilidades. Deveria, portanto, ser uma lista de passadores remanejada por cada dispositivo de Escola em função de cada passe, respeitando, no entanto, o sorteio como contingência.

2) Os três cartéis do CIG funcionam e funcionarão durante os dois anos do mandato do CIG. Esse trabalho pode ser feito de viva voz, antes ou depois de nossas reuniões do CIG, mas se prolonga principalmente pelo Skype. Aí, às vezes, me parece que é mais difícil comunicar, como se a presença real trouxesse algo a mais. Mas continuamos tentando preparar, cada um por sua vez, um trabalho sobre textos precisos e um tema comum. Seguem os nomes dos membros dos três cartéis do CIG e seus temas de trabalho:

Cartel 1. *Tema: “Satisfação e real”*

Patricia DAHAN, Carme DUEÑAS, Marie-Noëlle JACOB-DUVERNET (mais-um), Elisabeth LÉTURGIE, Anne LOPEZ, Marcelo MAZZUCA.

Cartel 2. *Tema: “Para sustentar o ato: o passante, o passador e seu papel no dispositivo”*

Patrick BARILLOT (mais-um), Roser CASALPRIM, Jean-Pierre DRAPIER, Clara Cecilia MESA, Agnès METTON.

Cartel 3. *Tema: “Nomeação”*

Sidi ASKOFARÉ, Sandra BERTA (mais-um), Frédéric PELLION, Marina SEVERINI, Marc STRAUSS.

3 - Ecos

Como podem constatar, mantivemos a redação dos *Ecos*, por pensar que é um laço necessário com toda a Escola e que divulga parte do nosso trabalho. O ritmo será definido em função das contingências de tempo e de nossos temas.

4 – Discussão em torno de um passe

As discussões entre todos os membros do CIG acerca de cada passe são mantidas, considerando que cada cartel de passe permanece como único responsável por sua decisão com relação ao passante. É um trabalho muito interessante porque, graças a essas trocas, os membros do CIG se enriquecem mutuamente através das experiências variadas de passe, são atentos à qualidade dos passadores e podem trocar ideias a respeito, ao longo dos trabalhos.

Será certamente necessário precisar o que pode-se dizer de determinado passe quando o analista do passante fizer parte do CIG. O analista pode alegar um direito de reserva para responder ou não ao cartel que recebeu o testemunho dos passadores do seu analisante. Falar sobre, certamente, o cartel pode fazê-lo, mas deixemos a escolha ao analista de ser diretamente questionado ou não.

Todos aceitamos a não formulação explicativa da resposta do cartel de passe acerca do passante. Mantemos, portanto, um “sim, nomeado” ou um “não, não nomeado”, o anúncio desse “sim” ou “não” sendo feito por um dos membros do cartel.

E ficou acordado que se o cartel não tomou uma decisão rapidamente após a escuta dos testemunhos dos dois passadores, ele pode continuar discutindo desse passe por Skype se for necessário.

5 – Caderno papel dos passes

O caderno papel dos passes, cujo princípio foi adotado quando do Simpósio de Medellín será mantido e atualizado. Este nos parece de uso manifesto para identificar a situação dos passes e o trabalho do CIG. Conservamos assim um rastro, ao mesmo tempo em que o fazemos, da história do passe em nossa Escola.

Não chegamos a um acordo acerca de escrever ou não um breve comentário sobre cada passe concluído no caderno dos passes. As opiniões são bastante divergentes e por enquanto não decidimos. Retomaremos essa discussão na ocasião de nossa reunião global dos 1º e 2 de julho de 2017 que acontecerá em Paris. Suspendemos simplesmente a obrigação de escrever, e cada cartel tomará a responsabilidade de fazê-lo ou não, no aguardo de uma decisão comum, se houver decisão.

Os diferentes posicionamentos com relação a essa questão:

- alguns falam de sua reserva quanto a um escrito que um passante poderia encontrar posteriormente, por exemplo se ele for eleito no CIG. Há uma diferença entre um comentário oral e um vestígio escrito, e não é a mesma coisa falar/escrever *a partir* de cada passe e falar/escrever *sobre* cada passe;
- outros sublinham que nada deve ser obrigatório nem proibido nessa matéria, a questão sendo mais em conseguir produzir algo que se deseje deixar no caderno dos passes;
- alguns, finalmente, propõem outro caderno, anônimo, a ser transmitido para o CIG seguinte, a não ser que seja preciso inventar cada vez um objeto adequado.

Reencontramos aí a extrema dificuldade em formular um comentário sobre os passes ouvidos, mas não é porque o exercício é difícil que necessariamente o suprimiremos... O desconforto é fonte de incentivo ao trabalho.

6 – Passes ouvidos e por vir

Nós ouvimos três passes quando da nossa reunião dos 4 e 5 de março de 2017. E um dos carteis teve a oportunidade de nomear uma passante AE. Vocês já o sabem, trata-se de Carmen LAFUENTE BALLE, de Barcelona.

Quando temos problemas de tradução, podemos contar com um dentre nós ou alguém muito próximo do passe, o que fizemos ao “utilizar” uma AE recém nomeada, um procedimento cujo uso é relacionado às incompatibilidades.

Estamos à espera de vários outros passes; um está em curso na Itália, outro no Brasil. Um pedido de passe ainda está aguardando na Austrália, mas a Escola não dispõe de passadores anglófonos.

7 – CAOÉ, Colégio de Animação e Orientação da Escola

Ele é formado pelos dois secretários do CIG, Anne LOPEZ e Marcelo MAZZUCA, além de dois membros do CIG, Roser CASALPRIM e Marina SEVERINI, ao qual adjuntamos: Sandra BERTA, Carme DUEÑAS, Clara Cecilia MESA e Marc STRAUSS, especialmente para o trabalho editorial de *Wunsch* e de *Ecos*.

Discutimos das questões a serem tratadas na Jornada Interamericana da Escola que acontecerá no Rio no dia 7 de setembro de 2017. A Jornada, cujo título é “A Prova pela Escola e a Escola à Prova. Cinquenta anos depois da *Proposta*” será inteiramente dedicada ao passe sob seus diversos aspectos. Segue o programa:

9h a 10h30 – *a função AE*

Coordenação: Marcelo MAZZUCA (AME, AE 2009-2012, EPFCL, ALS, FARP)
Vera IACONELLI (AE 2016-2019, EPFCL, Brasil, FCL - São Paulo).
Elisabeth THAMER (AE 2016-2019, EPFCL, França, Paris).

10h30 a 12h – *a função AME*

Coordenação: Fernando MARTINEZ (Membro da Escola, EPFCL, ALS, Foro Patagónico del Campo Lacaniano y FARP)
CIG (2014-2016) - Sonia ALBERTI (AME, EPFCL, Brasil, FCL - Rio de Janeiro)
CIG (2016-2018) - Sandra BERTA (AME, EPFCL, Brasil, FCL - São Paulo)
CLGAL (2016-2018) - Ricardo ROJAS (AME, EPFCL, ALN, FCL - Medellín y FCL - Pereira)

14h a 15h30 – *a função passador*

Coordenação: Ida FREITAS (AME, EPFCL, Brasil, FCL - Salvador)
Beatriz MAYA (AME, EPFCL, ALN, FCL - Medellín y FCL - Pereira)
Alejandra NOGUEIRA (Membro do FARP, EPFCL, ALS)
Samantha STEINBERG (Membro da Escola, EPFCL, Brasil, FCL - São Paulo)

15h30 a 17h30 – **nomeação AE**

Coordenação: Elisabeth DA ROCHA MIRANDA (AME, EPFCL, Brasil, FCL - Rio de Janeiro)

Antonio QUINET (AME, EPFCL, Brasil, FCL - Rio de Janeiro)

Dominique TOUCHON FINGERMANN (AME, EPFCL, Brasil, FCL - São Paulo)

Gabriel LOMBARDI (AME, EPFCL, ALS, FARP)

Clara Cecilia MESA (AME, EPFCL, ALN, FCL - Medellín)

Encerramento da Jornada da Escola

Marina SEVERINI indica que o tema do passador é sugerido para a Jornada da Escola da Itália. A designação dos passadores está na fronteira dos questionamentos do passe e do problema dos AME.

Na França, desejamos múltiplos debates sobre essas questões. Uma jornada de trabalho acontecerá no dia 30 de setembro 2017 em Paris, cujo título exato será comunicado. Essa jornada tratará das questões de Escola concernentes ao passe e “momentos de passe”.

Será preciso dedicar, em nossas próximas reuniões, certo tempo, acompanhado de atos, para a preparação das Jornadas internacionais de setembro de 2018 cujo tema será “Os Adventos do Real e o Psicanalista”.

8 – Datas de nossas próximas reuniões do CIG

Aos 1º e 2 de julho de 2017.

Aos 24 e 27 de novembro de 2017, em torno das Jornadas Nacionais Francesas que acontecerão este ano em Toulouse, tratando da interpretação.

9 – O debate sobre os AME

Foi preciso algum tempo para entendermos o que exatamente queria dizer “tornar caduca” a lista dos AME, decisão tomada pelo CIG anterior, 2014-2016; a lista fornecida pelos AME da Escola, portanto, não era para ser levada em consideração. Foi preciso discutir longamente para destrinchar todas as consequências e refletir sobre o que iríamos decidir e fazer. Tratava-se, portanto, de promover um debate sobre os AME.

Vários dentre nós estavam de acordo em diagnosticar certa rotina e desgaste na forma de produzir tais nomeações de AME. Alguns, ao contrário, não estavam necessariamente convencidos da existência de um verdadeiro problema e líamos também certas observações sobre a qualidade de alguns passadores, nem sempre “a altura da sua tarefa”. E essa dificuldade em identificar o que chamamos: um momento de passe, requer certamente uma retomada dessa questão em nossa Escola.

Temos, após discussão, acatado o desafio, o que permitia, a partir dessa nova fase, levar adiante a decisão do CIG anterior. Mas de que forma o faríamos? Aí também, o debate ocorreu e decidimos lançar o debate na lista de todos os membros da Escola, com certo sucesso. Claro, não se pode ficar somente nessas trocas e devemos prosseguir com outras formas que cada dispositivo local deve iniciar: jornadas, colóquios, escritos, etc...

Pareceu-nos importante reler e incentivar a reler os textos fundadores, sempre muito ricos, e que, talvez, só conhecemos insuficientemente, e ler suas variações e seus

deslocamentos em função da construção feita por Lacan de sua invenção do passe, de tal maneira que deles reativemos os desafios.

Seguem em grandes linhas o que nosso CIG manteve como “possíveis”. Não se trata de uma aprovação, já que cada um, mesmo no próprio CIG, tem opinião pessoal, mas melhor dito o que se destacou para nós e que pensamos levar em consideração, ou realizável.

Que ninguém se sinta lesado se não aparecer, nessa sequência, a ideia que pudesse ter emitido. Faremos certamente, mas no momento tomaria tempo demais, uma recapitulação do conjunto das contribuições. O CIG não esquece, no entanto, sua função primordial que é a avaliação dos passes, as nomeações e um trabalho, o quanto possível, de seriação e teorização.

- Alguns considerariam possível uma divisão da função AME em dois subconjuntos ou ainda propõem que a nomeação AME seja a escolha de um engajamento por um prazo de 5 anos, renovável, o que permitiria deixar a função em certos momentos da vida.
- Parece possível que um AME designe como passador um analisante que não é seu analisante, mas que está em controle com ele.
- Além do que se diz acerca do que funciona e não funciona na utilização e o abuso de nomeação dos AME, nós temos as propostas que tentam alertar o “possivelmente” AME sobre sua função por vir. Ver a forma que isso poderia tomar: com um membro do CIG, depois que este for proposto, ou com um membro dos dispositivos locais? Uma proposta que poderia ser recusada? Alguns seriam favoráveis a um engajamento público diante dos colegas e pensam que o engajamento do AME poderia ser ou não renovável.
- Quando se toca no passe e, portanto, na Escola, não se pode deixar de pensar que seria preciso também rever nossa política de aceitação dos membros da Escola, e aquilo sobre o que fundamentar nossa apreciação e nosso julgamento. A esse respeito, um trabalho mais próximo com os dispositivos de Escola seria desejável. Alguns fazem observar, com razão, que o fato de não ter designado um passador não significa que o AME estivesse “aposentado”, mas mais provavelmente que ele não tem analisante num momento de passe e que isso não é necessariamente relacionado ao seu vínculo com a Escola.
- O AME representa, por sua função, nossa inserção enquanto Escola no campo público e sabemos as dificuldades que encontram aqueles aos quais incumbe a escolha de selecioná-los. A introdução dos membros da Escola como sinalizando e propondo, eles também, nomes de AME, rompe com o *automaton* anterior, mas impõe esta reflexão. Esperança de algumas consequências?
- Parece, a questão do passador, ter de ser aprofundada em nossa Escola. Uma proposta foi lançada de um controle possível junto a outro analista para falar, eventualmente, de um momento de passe de um analisante quando o analista fica em dúvida. Talvez haveria aí alguns frutos que aguardar.
- Uma proposta lançada por membros do CIG é dar aos AE a possibilidade de designar passadores; esta supõe tornar permanente a nomeação de AE e a possibilidade que se segue de designar um passador. Essa questão deve ser trabalhada. Mesmo assim, claro, pode se pensar que o novo AE tenha bastante juízo para discernir o momento de passe na sua clínica, haja vista que ele “passou”

por isso pouco antes. Isso não ocorreria mais sistematicamente do que para um AME. Nunca há urgência em nomear um passador, ou então a designação de passador permanece um “meio” na cura, mas o que esperar, então, e o que espera disso o analista que o designou?

- Outra proposta é a de “datar” os AE; dar sua data de designação simplesmente para deixar alguns rastros de história em nossa Escola.
- A ideia de tornar o AE permanente vem também do fato que, em quase todos os casos de nomeação, “alguns” lembram, nem todos e não de todos os AE, mas de bastante. Lacan queria que a presença dos AE pudesse modificar a “natureza do discurso”. Em 1973, no Congresso de La Grande Motte, na ocasião de uma sessão sobre o passe (*Lettres de l'École Freudienne*, 1975, nº15, p. 185-193), Lacan dizia: “Desejei outro modo de recrutamento, e é o passe; era, na minha ideia, o primeiro passo para um recrutamento de estilo diferente. De outra ordem, muito precisamente modelado sobre o que eu havia pensado então e que especificava o discurso analítico.”
- Há fortes indicações de Lacan, notadamente na “Nota italiana”, para incentivar o AME a se apresentar no passe.
- É preciso ver como nossos tempos modernos produzem como quantidade inacreditável de “pseudo-psi” que nenhuma formação longa e séria sustenta. É preciso apostar nesses novos AE que podem sem dúvida renovar um pouco nossa tonalidade, frequentemente muito absconsa para quem está de fora.
- Os AME não de estar a par dos sintomas de nossa época, deles serem os intérpretes bem como o endereço. Talvez, em nossa Escola, faltasse um grupo de AME em que os quatro discursos se complementam e se sustentam, a Escola, portanto. E fazer na Escola existirem vínculos entre os AME, estruturados institucionalmente no plano local e internacional, a fim de saber quando responder, ou não, a fenômenos de sociedade.
- Para alguns, o termo “nomeação” aplicado por Lacan aos AME não parece atender exatamente ao termo do ensino final de Lacan que enoda um ponto de real às outras consistências S e I; ou talvez seja simples suposição que um ponto de real tenha sido alcançado; ao passo que a garantia do título AE é certamente a mais assegurada do lado real e furo no saber, furo de exílio e não de refúgio donde se abre o vínculo com a Escola.
- O AME representa na sua função as duas vertentes da intensão e da extensão do discurso analítico. Superpõe-se essa extensão com a “expansão do ato” analítico? A condiciona? O discurso analítico está em dificuldade, atualmente, para se difundir e o que está em jogo é a sobrevivência ou não da psicanálise.
- A ausência de garantia não nos deixa tranquilo quanto a avaliar uma competência analítica. Mas muitos sublinham que nenhum regulamento fará advir uma garantia segura, cada título permanecendo sempre uma aposta, mais ou menos arriscada.
- Alguns insistem sobre o desejo de Escola e sobre a histerização trabalhadora que é preciso desenvolver, assumir. E, portanto, seguir trabalhando sobre o passador, os finais de análise, os objetivos de uma análise. Encontrar na Escola o sustento sólido para pensar a psicanálise.

Chamamos todos os dispositivos de Escola e todos os membros a prosseguirem esse debate sob as formas que acham mais apropriadas. Agradecemos a todos aqueles que participaram do debate e o prosseguirão.

REGULAMENTO INTERNO DO CIG, modificado em 2017

1 - As instâncias do dispositivo do passe

- 1.1. CIG
- 1.2. Secretariado do CIG
- 1.3. CAOÉ
- 1.4. Os cartéis
- 1.5. Os secretariados locais do passe

2 - Funcionamento do dispositivo do passe

- 2.1. A lista dos passadores
- 2.2. As etapas do funcionamento
- 2.3. A transmissão das respostas dos cartéis
- 2.4. Os passadores
- 2.5. A comissão internacional de Habilitação dos AME

3 - Anexo: a admissão de membros da Escola

1 - As instâncias do dispositivo do passe 2016/2018

1.1. CIG

10 membros para o Dispositivo francês e adjacências: Sidi ASKOFARE, Patrick BARILLOT, Patricia DAHAN, Jean-Pierre DRAPIER, Marie-Noëlle JACOB-DUVERNET, Elisabeth LETURGIE, Anne LOPEZ, Agnès METTON, Frédéric PELLION, Marc STRAUSS.

2 membros para a Espanha: Roser CASALPRIM, Carmen DUEÑAS.

1 membro para a Itália: Marina SEVERINI.

3 membros para a América do Sul: Sandra BERTA (Brasil), Marcelo MAZZUCA (ALS), Clara Cecilia MESA (ALN).

1.2. Secretariado do CIG

Anne LOPEZ pela Europa, Marcelo MAZZUCA pela América.

1.3. Colegiado de animação e de orientação da Escola (CAOE) 2016-2018

Marcelo MAZZUCA (América), Anne LOPEZ (Europa), Roser CASALPRIM (Espanha), Marina SEVERINI (Itália).

1.4. Os cartéis

Dois tipos de cartéis, todos obedecendo ao mesmo princípio de composição: Cada um compreende um membro da Espanha ou da Itália, um membro da América do Sul, três membros franceses.

1. Os cartéis do passe. Eles decidem sobre os passes e são compostos no seio do CIG a cada caso conforme os passes terminados a serem estudados e em função das compatibilidades linguísticas e das incompatibilidades analíticas.

2. Os 3 cartéis do CIG. Compostos no seio do CIG para toda duração do mandato deste CIG, através de concordância mútua entre os membros do CIG, eles trabalharão certas questões cruciais da psicanálise surgidas no dispositivo. O ou os temas escolhidos por cada um deles serão comunicados no início de seus funcionamentos.

Cartel 1. Patricia DAHAN, Carme DUEÑAS, Marie-Noëlle JACOB-DUVERNET (mais-um), Elisabeth LETURGIE, Anne LOPEZ, Marcelo MAZZUCA.

Cartel 2. Patrick BARILLOT (mais-um), Roser CASALPRIM, Jean-Pierre DRAPIER, Clara Cecilia MESA, Agnès METTON.

Cartel 3. Sidi ASKOFARE, Sandra BERTA (mais-um), Frédéric PELLION, Marina SEVERINI, Marc STRAUSS.

1.5. Os secretariados locais do passe

FRANÇA

Comissão de acolhimento e garantia (CAG) para a admissão dos membros e da garantia (passe e AME): Annie-Claude SORTANT-DELANÖE (secretária), Françoise LESPINASSE, Mireille SCEMAMA-ERDÖS.

ESPAÑA

Comissão de admissão e garantia (FFCLE - DEL): Cora AGUERRE (secretária), Ana MARTINEZ (admissão), Luisa DE LA OLIVA (garantia).

Associação FOE-FPG : DEL epistêmico: Rosa ESCAPA (FOE), Maria Jesús PEDRIDO (FPG).

ITÁLIA

Comissão local de Admissão, Acolhimento e Garantia (CLAG) do Fórum Psicanalítico Lacaniano: Antonia IMPARATO, Carmine MARRAZZO, Patrizia GILLI (secretária).

AMÉRICA DO SUL

CLGAL (Comissão Local de Garantia da América Latina): Ida FREITAS (Brasil), Elisabeth DA ROCHA MIRANDA (Brasil), Fernando MARTINEZ (ALS), Ricardo ROJAS (ALN).

2 – O funcionamento do dispositivo do passe

2.1. A lista dos passadores

Ela é estabelecida em cada dispositivo pelos Secretariados do passe (ver abaixo, § 2.2.) a partir das proposições dos AME do dispositivo. Os Secretariados a transmitem ao CIG – que possui a lista para o conjunto dos dispositivos –, com menção ao analista de cada passador e com a data da proposição de seu nome.

2.2. As etapas do funcionamento do dispositivo

As demandas de passe são recebidas localmente pelos Secretariados do passe que também estabelecem a lista dos passadores.

O candidato é recebido por um membro do Secretariado do passe local e este o refere a seu Secretariado que aceita ou não a demanda. O secretário transmite a resposta de seu Secretariado para o candidato e, conforme o caso, o faz sortear os passadores. Ele avisa o passante que é preciso informar o(a) secretário(a) quando seu testemunho terá terminado. Um passante pode, se assim julgar conveniente, recusar um passador e sortear outro nome.

Os secretários do passe transmitem aos secretários do CIG, conforme as coisas andem:

- a lista das demandas de passe,
- a lista dos passes efetivamente aceitos após a entrevista dos candidatos com um membro do Secretariado, com o nome dos dois passadores e todas as informações necessárias para a atribuição a um cartel do passe.

O secretariado do CIG decide com os membros do CIG a composição dos cartéis do passe levando em conta as línguas e as incompatibilidades. Elas devem ser avaliadas pelo CIG para cada caso. Convém evitar a presença no cartel: do analista do passante, de seu atual supervisor, eventualmente de um analisante atual do mesmo analista e também, às vezes, de pessoas excessivamente próximas. O secretariado do CIG se encarrega, então, de endereçar os passes a um dos cartéis do passe.

2.3. Transmissão das respostas dos cartéis do passe

O cartel redige sua resposta endereçando-a ao passante sem precisar se justificar e da forma a mais simples. Conforme o caso: « o cartel o nomeou AE » ou « o cartel não o nomeou AE ». Nesta ocasião, ele transmite a lista dos membros do cartel que foi composto para esse passe. Baseado nisso, evidentemente cada cartel avaliará, conforme os casos particulares, se quer acrescentar alguma coisa. A resposta é transmitida sem atraso.

Um membro do cartel, escolhido pelo cartel, transmite oralmente a resposta ao passante, presencialmente se for possível, ou por telefone quando as grandes distâncias não o permitirem. O passante pode pedir, se ele o desejar, encontrar-se em seguida com um outro membro do cartel.

A resposta nomeação ou não nomeação é comunicada para arquivamento ao Secretariado do CIG e ao Secretariado do passe concernido.

O Secretariado do CIG (composto por ambos os secretários do CIG) entretém o Caderno de todas essas etapas. Ele decide com os membros do CIG sobre a composição dos cartéis para os diferentes passes e transmite, no momento certo, a resposta do cartel do passe com sua composição, ao Secretário do dispositivo concernido.

O CIG transmite o conjunto dessas regras de funcionamento aos diferentes Secretariados locais.

2. 4. Os passadores

Os AME da EPFCL podem propor passadores como está previsto no texto dos «Princípios». Eles o fazem no momento que lhes pareça oportuno, junto ao Secretariado do passe de seu dispositivo ou do dispositivo ao qual estão adjacentes no que tange a Escola. Cada Secretariado também pode se dirigir aos AME do dispositivo.

Os secretariados do passe solicitam que os passantes sorteiem seus passadores a partir de uma lista de passadores que ainda não têm passes em curso ou, na falta destes, que os tenham em menor número. Os passadores devem ser, necessariamente, da mesma língua que o passante ou de uma língua que o passante fale, mas não necessariamente de seu local.

O mandato do passador está limitado a três passes. Se nos dois anos subsequentes a sua designação ele não tiver sido sorteado, o AME que o designou pode ou não renovar essa designação.

Também seria necessário que os secretariados do passe verifiquem que o passante que sorteu seus passadores esteja pronto para começar seu testemunho sem tardar, e velem para que este não se prolongue indefinidamente.

2.5. A Comissão Internacional de Habilitação dos AME: composição da Comissão

No segundo ano de seu mandato, o CIG compõe em seu seio a Comissão Internacional de Habilitação dos AME. Sua composição respeita uma certa proporcionalidade em relação ao número de membros da Escola em cada zona. A lista dos novos AME é publicada em junho/julho desse segundo ano.

Quando inicia o exercício da sua função, o CIG lembra às Comissões Locais, quais as tarefas que lhes cabe executar, que critérios seguir e como recolher as informações sobre os AME possíveis, notadamente nas zonas adjacentes a um dispositivo.

A qualquer momento, as Comissões Locais para a garantia transmitem as propostas de AME de seus dispositivos.

3 - Anexo: a admissão de membros da Escola

A) A articulação entre a admissão no Fórum e na Escola

A regra que consiste em entrar primeiro no Fórum e em seguida na Escola parece dever ser mantida. No entanto, ela deve ser aplicada com tato e em casos excepcionais pode-se pensar numa admissão simultânea, no Fórum e na Escola.

B) A questão dos critérios foi retomada e levou às seguintes sugestões:

Duas entrevistas ou uma entrevista com duas pessoas não parecem excessivas. Leva-se em conta a participação regular nas atividades do Fórum ou do Polo, notadamente nos cartéis, e eventualmente, no Colégio clínico ou nas Formações clínicas de pertencimento do candidato. Mas a questão de uma participação mais ampla nas atividades nacionais, por exemplo as Jornadas, deve ser levada em conta.

Na medida em que nossa Escola tem dispositivos internacionais, a dimensão internacional não pode ser ignorada. É necessário que pelo menos na primeira entrevista, essa dimensão seja apresentada ao candidato se ele a ignora, a fim de que ele saiba, antes de sua segunda entrevista, onde ele está se propondo entrar. Os trabalhos publicados depois das Jornadas, dos inter-cartéis, etc. são fatores objetivos de implicação do candidato a serem levados em conta. Consultar o analista ou o supervisor não pode ser uma obrigação. Cabe à Comissão julgar se, neste ou em outro caso, tal consulta poderia ser oportuna.

C) Condição de admissão como membro da Escola dos membros de Fóruns adjacentes ao dispositivo França: a condição geral para admitir um membro da Escola pertencente a um dispositivo adjacente é que se conheça suficientemente sua formação analítica. Baseada nisso, a CAG evidentemente adaptará as respostas conforme cada caso. Além disso, se um desses candidatos fez o passe e não foi nomeado AE, o cartel que escutou o testemunho pode, eventualmente, propor sua admissão como membro da Escola.